

## DONA AMÉLIA

Este é o princípio da minha vida. Contarei tudo que me lembro até os meus onze anos.

Eu estava na maior ilusão da minha vida de criança. Gostava de estudar, depois de brincar de corda, correr, e de casinha com boneca. Era cheia de vida. Eu era gêmea com a minha irmã Ariolinda. Ela era mais acomodada. Tinha sempre um ar tristonho. Era mais fraquinha, sempre gostava de brincar de boneca, fazia roupinhas. Aí complicou os rins e morreu de nefrite aos sete anos, em dezembro de 1915, donde a minha querida mãe já tinha seis filhos. Depois nasceu mais uma irmã, Álida. Em 17 nasceu a Rosária. Morreu de uma queda dos braços da parteira. E morreu a minha irmãzinha Álida, morreu de nefrite, aos dois anos. Assim ficamos em cinco.

Em 1918, a minha mãe teve uma gripe muito forte. De um banho de água fria deu uma complicação e ficou doente até sofrer dos pulmão, donde ela faleceu em 31 de outubro de 1920. Daí em diante, tomei a responsabilidade da casa porque ela sempre me dizia:

"Amélia, você é a maior. Deve aprender remendar uma roupa, aprender fazer as coisas da casa porque assim, um dia, se eu faltar, você tem que tomar conta dos seus quatro irmãozinhos e de teu pai".

Mas tudo isso me deixava meio pensativa e depois logo esquecia porque tinha duas empregadas: uma para cuidar de minha mãe querida, que dormia junto com ela como enfermeira. Dormia separada de nós e de meu pai; dormíamos todos separados. E toda roupa, talheres, pratos, enfim, tudo mais. Mesmo assim, minha inocência era tanta que não pensava que minha amada estava próximo a deixar.

O meu pai estava muito bem de finanças: tinha um bar, três mesas de bilhar, tinha um depósito de cereais, tinha diversas qualidades de cereais, alfafa e carvão. Tinha três empregados e corria as coisas muito bem. Mas com a doença de minha santa mãe, a vida começou a mudar daí em diante. Mas eu sabia que meu pai tinha interesse de vir para o Brasil, porque os seus pais se encontravam também aqui no Brasil. Sempre escreviam: "Venham para a América junto a nós". Mas a mamãe não queria vir ao Brasil.

O meu pai ia deixando, quando a mamãe se sentia mal, o papai mandava nós todos, cinco filhos, para a casa de um parente,

Perfeito, diretor do grupo para que nós não percebêssemos a morte da nossa mãe. E passamos o dia todo junto aos parentes. Quando foi à tarde, eu tinha uma tristeza e peguei os meus irmãozinhos e para desviar, atravessei um largo donde tinha um circo. Apreciamos o movimento. De repente apareceu um espanhol. Era cinco da tarde e morava pego na minha casa. E me disse: "Que estás fazendo aqui?" Eu respondi: "Estou distraíndo os meus irmãozinhos". Ele me respondeu: "Você não sabe que tua mãe se morreu às três da tarde?"

Fiquei parada...com um choque que parecia um sonho. Não queria que meus irmãozinhos percebessem que o espanhol me disse. Minha irmã Angélica percebeu e eu disse: "Vamos para casa da prima". E logo chamei minha prima que se chamava Clarinda e seu marido chamava-se Perfeito e era diretor do grupo, e ela era professora. Logo viu que eu estava chorando mas não dava demonstração aos meus irmãozinhos. Mas eles me acalmaram e me disseram: "Era mentira!".

Assim, mais tarde me chamaram e me contaram a verdade. Assim, à noite os meus irmãozinhos e Angélica estava desconfiada demais, mas eu lhe disse: "Vamos dormir, amanhã vamos para casa". Assim que eles dormiram, o meu primo me levou para casa e no caminho, me lembro, ele me disse: "Você tenha coragem porque

você é a mais velha e precisa tomar conta dos teus irmãozinhos". Eu estava vestida com um vestido azul marinho de fustão, enfeitado de botãozinho laranja no peito e atrás também, e no caminho eu fui arrancando os botões e jogando para fora porque quando cheguei em casa eu estava de vestido escuro.

Quando chegamos em minha casa tinha um portão grande, logo vi cheio de gente, inclusive todos os meus tios, tias, irmãos de minha amada mamãe e muita gente vizinha. Entrei direto. A minha santa mãe estava descansando dentro de um caixão todo de preto, inclusive a sala toda, parede coberta de panos pretos, as cadeiras...enfim, parecia um sonho. Mas era verdade. Cheguei no quarto, tinha todos os meus tios chorando, inclusive meu pai. Se agarraram comigo e nesse instante senti que minha vida se transformou e logo pensei e me alembrei das palavras de minha santa mãe que me disse: "Você é a filha mais velha. Se um dia eu faltar, você tem de tomar conta de teus irmãozinhos e do teu pai." E disse nesse instante, dentro de mim: "me senti adulta".

Tomei a responsabilidade e no segundo dia, 1º de novembro de 1920, meu primo foi buscar os meus irmãozinhos na casa: Angélica, Aída, Alfredo e Anita. Todos abaixo de mim. Todos com a carinha assustada, chorando. Quando chegou meio dia beijamos a

mamãe, demos um beijo de despedida. Levaram o caixão para embalsamar. Às três da tarde voltou, só que já estava fechado com o vidro. Às cinco da tarde foi levada ao cemitério.

Veio eu e meu pai, minhas tias, tia Petrona, tio Basílio, que já morreu também. Fomos de carroça atrás do carro fúnebre que levava a minha mãe. Foi um grande acompanhamento. Aquele tempo se usava carruagem levada por cavalos pretos. A carruagem que levava a minha mãe. Tinha oito cavalos pretos todos com penachos de pluma na cabeça. O cocheiro ia com o chicote em cima da carruagem. O caixão de vidro e franja de seda, de veludo, ia em cima o nome da mamãe: A.R.A.T. Todos esses dourado. E nós atrás com todos os cortejos, levado por quatro cavalos, fomos até o cemitério. Puseram um vidro todo lacrado donde se via só o caixão. Assim, despedimos e nunca mais...nunca mais fui lá. Ali vi a tristeza do meu pai, que contava com 33 anos e cinco filhos. A minha adorada mamãe com 32, mãe de oito filhos.

Depois soube que o meu pai fez juramento, junto às mãos de tia Petrona, irmã da mamãe. Fez jurar que se um dia o papai pretendesse vir para o Brasil - porque tinha medo que um dia papai podia se casar e tinha medo que seus filhos sofressem - o papai jurou e disse que deixaria os cinco filhos com a minha tia. Mas eu fiquei

sabendo depois de muitos anos, nos encontrávamos aqui no Brasil. Quando saímos de Rodeo de La Cruz, donde nós morávamos, em começo de março de 1921, papai vendeu todos os móveis de casa. Deixou muitas coisas à governanta Salvadora que queria vir com nós e foi enfermeira da minha santa mãe. Depois de cinco meses, papai queria trazê-la para o Brasil, mas era viúva, tinha uma filha e seus irmãos não deixaram vir com nós.

Eu analisava a pressa que meu pai tinha. Vendia as coisas de casa e o restante, enfim, tudo em pouco tempo, jogou tudo fora. Mas estranhava que ninguém de meus tios, parentes de minha mãe, não apareciam, não vinham em casa. Eu então não entendi que o papai estava vendendo tudo para vir para o Brasil, e eu perguntava, muito inocente, por que tias e tios não vinham a nos visitar? Moravam uns 150 quilômetros longe de San Martin. O papai, como sabia do juramento que tinha feito à minha tia, não contava nada. Só dizia: "As tua tias não querem saber de vocês!" E nisso ele aprontou tudo, jogou fora tudo, seus negócios, não avisou ninguém e saiu de fininho.

Pegamos o trem que levou, aquele tempo, três dias e quatro noites de viagem porque era máquina de lenha. Nesse tempo, saía uma vez por mês, era puxado por três máquinas e muitos carros. E

chegamos em Buenos Aires. Uns tios e primos nos foram esperar na estação. Era primo do meu pai. E fomos todos para sua casa e tinha primos moços. Ficamos dez dias em Buenos Aires. Papai muito abatido nos levava para passear, conhecer Buenos Aires e saímos com os primos para nos distrair. Tinham pena de nós porque meu pai era novo, com cinco filhos, todos vestidos de luto, nós procuramos não demonstrar mais a tristeza que pouco a pouco se apoderava de mim e de meu pai. Sempre lembrando das palavras da minha santa mãe, adorada, cada vez me sentia mais adulta. Assim, quando completou o primeiro dia, papai dizia: "Vou levar vocês no jardim zoológico como despedida desta cidade."

Depois fomos tirar a fotografia para o passaporte. Fomos com duas primas e o papai. Saímos diretamente para tirar as fotos e depois íamos ao zoológico. O papai ia despachar a bagagem e trocar o dinheiro brasileiro (aquele tempo não tinha quase banco). Foi quando a surpresa: ao subir no bonde, papai deu um grito e disse: "Fui roubado!" E lhe roubaram todo o dinheiro que tinha no bolso, atrás da calça. O resto...o restinho, e nada mais. Fomos tirar as fotos e o fotógrafo ficou com tanta pena do meu pai e de nós que não cobrou nem as fotos.



Éramos para vir de navio, tudo de primeira. Papai contava que era lindo vir de navio, que nós íamos conhecer os negritos no Brasil, ele animava a gente. Eu sentia medo! Gente preta! Assim precisamos vir de imigração para não pagar nada porque não tinha dinheiro. Então, três da tarde de março, de 11 de março, fomos todos tirar a radiografia do pulmão, porque perguntaram do quê a mãe tinha morrido. O papai tinha de dizer porque morreu a sua esposa. Quando passamos pelo raio X, o medo era tanto que algum dos meus irmãos tivesse alguma coisa nos pulmão! Eu chorava de

medo! Quando todos nós passamos, subindo no navio, seis da tarde, eu sempre lembrava das palavras da minha querida mãe.

Papai de vez em quando chorava de ver todos nós pequenos, sem mãe, sem casa e sem dinheiro. Vim e lembramos de tudo. Na verdade, tinha os meus nonos, tios e primos que já estavam nos esperando aqui no Brasil. Me lembro quando eles vieram para o Brasil. Eu tinha uns oito anos, minha santa mãe chorou muito quando o nono e tios partiram para o Brasil. Minha querida mamãe adorava o sogro e os cunhados. Meus nonos escreviam sempre ao meu pai para que viessem para a América, mas a mãe não queria deixar os seus pais e irmãos.

Finalmente chegamos ao Brasil dia 24 de março de 1921, chegamos numa viagem de navio que levaram oito dias. Subimos às quatro da tarde no navio, dia 17 de março de 1921, e o navio partiu às oito da noite, apitando a saída do lindo e saudosos Buenos Aires, donde todos se despediam. Saía da minha querida Argentina, donde cobria os nossos corações de tristeza, donde ia um lindo dia e as luzes de Buenos Aires e todos acenam lenços de despedida. Dali meia hora só via água e céu coberto de estrelas. E quando foi na hora da partida, ninguém tinha vontade de comer nada porque tomou conta uma tristeza de nossas lembranças.

Sáimos para sempre. Nós sentávamos todos em volta do meu pai, os cinco, sentávamos no seu joelho. Passamos o dia assim porque não gozamos de muita saúde. Não queríamos nada porque o movimento do navio nos dava enjoão. Chegava a noite, nos despedíamos, Amélia, Angélica, Aída e Anita. Íamos dormir no porão donde tinha os beliches, uma cama em cima da outra, donde subíamos por uma escada. Nós ficávamos embaixo, enquanto as consequências vinham de cima, caía água, urina de criança, piolho que pegamos, e sempre com o estômago enjoado. Passamos chupando limão.

Para melhorar, graças a Deus, encontramos uma senhora italiana que viajava muito, ela se prontificou e disse a meu pai que tomaria conta de nós, trataria de nós durante a noite. Ela tinha muita pena de nós quatro vestidas de luto. Aquilo era triste e cada vez eu me lembrava das palavras da minha santa mãe, donde me dizia: "Amélia, aprenda a fazer as coisas, que o dia que eu faltar é você que vai tomar conta de teus irmãozinhos e de teu pai." Aquilo se gravava no meu coração. Jurei por mim mesma que eu tinha que cumprir aquilo que era da minha querida mãe. O papai e o meu pequeno irmão, Alfredo, dormiam na outra ponta do navio, donde os homens dormiam separados das mulheres. Na hora de dormir era

triste. O papai e o Alfredo acompanhavam até a porta do porão que nós tínhamos que dormir. Mandava um beijo e depois se despedia daquela senhora que olhava por nós e disse: "Pode ficar sossegado que eu tomarei conta delas." Papai saía com lágrimas nos olhos e de manhã, ele e o Alfredo (que já morreu) vinham nos esperar na porta do porão porque tinha uma escada muito estreita que descia no porão de baixo.

Assim, outras mulheres e crianças éramos todas da imigração. O guarda era um calabrês, Peixoto, e conservava a porta fechada. Só à manhã, às sete e meia da manhã, que abria a porta para cada marido e irmão que vinha na porta buscar as suas mulheres e irmãs. Enfim, era uma tristeza, e papai e o Alfredo estavam esperando-nos na porta para nós todos ir tomar café e leite, mas o estômago não aceitava nada.

Durante o dia só se via água e céu. De vez em quando se via um farol no meio do mar, donde apontava mais ou menos a distância que estamos, e aparecia alguns peixes grandes, baleias, dava para distrair. Papai procurava alegrar os cinco filhos e dizia: "Vocês vão ver os negritos no Brasil, como são lindos!" Fazia tudo para nos distrair.

Uma certa madrugada, para dar mais tristeza, ouvimos um clarim tocar. Era jogado um caixão ao mar, de uma velhinha. Tinha morrido e jogaram ao mar. Era mais tristeza. Depois de cinco dias de viagem, o comandante avisou que íamos entrar no Golfo Santa Catarina, donde a água era azul marinho, não se misturava com a água mais cristalina. O golfo era muito agitado. Passaram cinco horas muito agitado, dava medo! Mesmo assim deu para passar. Todos os passageiros estavam assustados, até que enfim saímos dessa agonia!

Seguimos a viagem. Quando o estômago começou aceitar um pouco de alimento, já estávamos próximos a chegar ao Brasil.

Quando foi na madrugada do dia 24 de março de 1921, o navio vinha normalmente quando, de repente, começou a balançar de um lado para outro e se desequilibrou de uma maneira que nós víamos que ia afundar. E todos começaram, outras mulheres com crianças, ficamos todos desesperados e queríamos sair daquele porão, desesperados subíamos naquela escada, pedíamos ao guarda que abrisse a porta! E ele dizia que até que não viesse ordem do comandante não podia abrir a porta. Era só grito, porque nós todos víamos a corrida do marinheiro, até que veio ordem de abrir a porta. Só via rolar mulheres com crianças para baixo. Nós choramos,

queríamos nosso pai. Não chegava a tristeza que nos acompanhava. Todo esse tempo, até que enfim o papai e Alfredo estavam nos esperando e agarrou com nós assim como as outras famílias. Só se via correr os marinheiros por todo o lado e víamos que o navio se dava de um lado para outro e nós todos se seguramos nas grades. De repente, veio uma onda. A onda entrou dentro da cozinha, levando fora todas as panelas. Veio o comandante e gritou: "Salvem-se quem puder!" "Salvem-se quem puder!"

E começaram a jogar os botes no mar para salvar a gente. Agitada, o navio pedindo socorro, até que enfim veio dois pequenos navios e o marinheiro subiu na ponta do mastro. Atiraram umas cordas, uma de um lado e outra de outro lado do navio. O navio assim equilibrou-se, pouco a pouco, até chegarmos no Porto de Santos.

Chegamos às sete da manhã, donde vinha muita gente esperando cada um os seus familiares. De repente vimos o nono, Ângelo, o meu avô, pai do meu pai e mais um primo do papai, José. Ficamos todos contentes, mas até chegarmos em baixo era dez da manhã. Fomos todos revistados, mala e tudo assim. Abraçamos o nono, o primo, ficamos feliz, ao mesmo tempo triste.

Aí fomos para um hotel, almoçamos todos, estranhamos muito a comida, mas eu gostava era de ver as grandes caixas de banana (sou louca por banana!). Na Argentina não se vê banana pintadinha. Assim, depois o papai, o nono e o José saíram, foram dar um passeio na cidade e deixou nós quatro no hotel e disse ao dono do hotel: "Voltarei e logo ficaremos juntos no quarto". Porque aquele tempo não entendiam o castelhano, era difícil e não entendíamos o brasileiro.

De repente, espiei numa janela que dava no quintal do hotel e vi uma preta lavar roupa, um tanque cheio de roupa. Voltei, levei um susto! Ela sorriu para mim, mas como eu nunca tinha visto preto na Argentina, me apavorei e fechei a janela, tranquei tudo, botei os quatro irmãozinhos debaixo da cama, apavorada de ver o sorriso da preta, coitada!

Ficamos umas duas horas debaixo da cama, assustados até que meu pai veio e bateu na porta. Eu não tinha coragem nem de responder, quando vi que papai perguntou ao dono do hotel se tínhamos saído, eu saí de debaixo da cama, com muito cuidado e abri a porta. Ele todo assustado perguntou dos meus irmãos. Eu disse: "Estão tudo debaixo da cama". Ele via que eu tremia e me perguntou: "Que sucedeu? Que aconteceu?" Eu muito trêmula disse

que tinha visto uma negra. Eu tinha medo, eu era inocente, com 12 anos tudo me assustava. Enfim, saímos todos debaixo da cama.

Vimos para a cidade de Araras, daí fomos na casa do meu nono e nona. Fazíamos tijolo e telha, era muito bonito. Levava oito dias de fogo para cozinhar tudo aquilo que eles aprontavam durante um mês. Eu e meus irmãozinhos se sentíamos mais contente.

Às vezes, eu e meu pai ficávamos até alta hora da noite junto ao nono e tios que olhavam sempre a lenha que ardia pelo meio das telhas e dos tijolos. E nós púnhamos algumas garrafas no meio do fogo, derretia e se formava estátua. Era única coisa que me distraía. E assim se passaram quatro meses junto aos tios, nonos. Até que um dia papai resolveu ir procurar serviço de pedreiro numa fazenda chamada Santa Veridiana.

Fomos para uma colônia, donde tinha todas as casas em fileira, junto uma a outra. Só tínhamos um colchão do casal e um pouco de roupa. Estávamos na casa que tinha dois quartos, uma sala e cozinha tudo de tijolo. O chão de barro. O papai comprou um caixão e fez uma mesa, uns bancos e uma panela de ferro e umas latas de banha para cozinhar.

Ali começou a minha luta de dona de casa, sempre lembrando das palavras da minha santa mãe. Eu não sabia cozinhar.

Fazia o que podia e o que tinha em casa. Cozinhava feijão duro. Sempre chorando e teria de tratar dos meus irmãos junto do meu pai. A comida saía meio crua, queimava. O papai se debruçava na mesa e chorava. Nós também. Eu tinha que ir buscar lenha no mato junto com outras mulheres. Elas tinham pena de mim e me ajudavam a cortar a lenha, fazer os fechinhos e por na minha cabeça (eu vinha toda assim) para trazer para casa.

A noite eu fazia uma polentinha para de manhã tomar com café porque na fazenda não tinha padaria e nem pão. Assim, dava para tapear o estômago. Eu catava a roupa junto numa bacia de lata e ia lavar no rio donde tinha pedra, donde esfregava a roupa. Eu ficava com os pés na água até metade das pernas. Depois torcia, punha na bacia e punha na cabeça e trazia para casa. Estendia daquele jeito na cerca que dava no fundo do quintal. Depois ia buscar água na bica com a canga aqui no pescoço. Trazia duas latinhas de três litros de cada lado. A bica ficava uns três quarteirões distante de casa.

Perto de casa tinha uma família muito grande colonial, donde tinha um casal de velhos, tinha dois filhos casados e morava diversos netos. Todos trabalhavam na fazenda. Eles tinham muita pena de nós. Presenciaram a nossa vida, sem mãe e sem experiência

nenhuma. Então, os velhinhos e as noras matavam porco, faziam pão em casa, me chamavam na cerca e me davam sempre alguma coisa, me orientavam como temperar a comida e me davam muita força e coragem. Aquele tempo quase não se entendia o castelhano. Era um pouco difícil entender, mas agradeço a Deus de ter encontrado uma família que soube nos confortar e dar tanto carinho.

Quando meu pai chegava em casa, chorava, agradecia a todos eles. Meu pai entendia um pouco de pedreiro. Chegou a esse extremo de pegar uma colônia de casa na fazenda, Colônia Segóvia. Eu, como a responsável da casa, como tinha prometido a minha santa mãe, fazia o almoço e me esforçava. Levava a comida numa latinha de banha, o almoço ao querido papai. Me esforçava e chorando deixava os meus quatro irmãozinhos em casa.

Quando chegava a noite se acendia a lamparina, papai se sentava na escada e se punha a tocar o bandolim. Por sinal, ele tocava muito bem e os colonos se aproximavam, se sentavam no chão. Apreciavam e assim distraíamos um pouco. Todos ali em volta simpatizavam com nós todos. Tinham pena de nós. Depois eu entrava, acendia o fogo, punha a panela com água no fogo, fazia a polenta conforme eu sabia para que de manhã meus irmãos tivessem o que comer, com o leite que a vizinha nos dava. Deitávamos às oito

e meia e dormia. De manhã eu levantava, fazia o café e leite. O papai tomava com polenta e ia trabalhar. Vinha no almoço e era a mesma comida. Eu procurava contentá-los. Depois Angélica, Aída arrumavam a cozinha: pratos, panelas, sempre aquela rotina com muita tristeza. Fazia dois meses que estávamos morando na fazenda, na colônia, o papai vivia muito triste em casa de ver o meu esforço.

Tinha noite com uma lua linda. Eu peguei a minha irmãzinha (que é essa que morreu, que era a pequena), a minha caçula que tinha cinco anos, e no fundo do quintal donde tinha um tronco de uma grande mangueira que tinha sido cortada. Tinha uma larga prancha que dava para sentar. Eu e a minha irmãzinha sentamos à noite no claro da lua. Eu estendia os meus braços para o céu, junto a minha irmãzinha, olhava para a lua chorando. Eu pedia a Deus que a minha santa mãe viesse nos buscar, que estávamos cansados dessa vida, da falta de minha santa mãe, sempre lembrando das suas meigas palavras: "Amélia, aprenda fazer as coisas porque quando eu partir deste mundo você tem que tomar conta da tua família." Assim, quando me lembrava dessas palavras, ah... os conselhos que ela me dava, eu criava um pouco de coragem. Eu continuava a minha missão, sempre com uns dias melhores.

A gente trabalhava muito e dava aquilo que podia fazer. Pegamos muitos bichos no pé que dava uma tortura nos pés. A vizinha viu nosso sofrimento, desinfetava uma agulha e tirava os bichos. O que nós passamos! Depois desinfetava com criolina. Minha querida irmã Aida (que já morreu) foi a mais sacrificada dos pés de tanto bicho que ela pegou. Dava pena! Tirava tanto bicho que os dois dedos do pé estavam cheios de buraco. Quase deu tétano, mas com a graça de Deus, se passou. Era tristeza e mais tristeza.

Até que um dia, o meu pai chamou no lado e me disse: "Você quer ganhar outra mãe?" No momento fiquei parada! Assustada! E perguntei: "Se for a Mavília..." (Essa que foi minha madrasta). Ele me respondeu: "Ela mesma." Eu fiquei contente e depois de onze meses que a minha mamãe morreu, o papai foi obrigado a se casar outra vez para poder dar um conforto para mim e todos meus irmãozinhos, assim também para ele.

A Mavília era uma moça que conhecemos no sítio, perto de Araras, donde pegado moravam os meus avós, Ângelo e a nona Adélia, meus tios Guido, Pedro, Ângelo e Amélio. O tio Amélio, brasileiro, os três primeiros eram argentinos (meus tios). O nono tinha uma grande olaria.

novo! Me sentia tranquila ao ver uma mulher que nos aceitou como filhos e nos deu todo carinho.

A partir da chegada da minha querida madrasta nós se sentíamos mais seguros e mais amparados com um nova mãe, um novo carinho donde ela trouxe um grande malão de roupa de cama e roupa íntima, todas de algodãozinho, avental, enfim, de tudo que era necessário para ressucitar uma nova casa, encontrando cinco filhos, eu com doze anos e meio, Angélica com onze, Aída com dez, Alfredo com sete, Anita com cinco. E foi assim que começou uma nova casa, família. Ela nos cobria à noite, nos beijava. Nos dias de manhã, ela nos deixava dormir, ela costumava ir junto buscar lenha. Via o meu pai mais contente, mais sossegado de ver nós amparados por uma mulher que aceitou como filhos.

Assim, depois de dois meses de casado mudamos para a Fazenda Santa Veridiana, numa casa melhor, só que ficava no meio do cafezal (veja só!) e tinha outra família muito, muito trabalhadora. Uns quinze homens para explorar uma pedreira, donde da fazenda eu levava o almoço para meu pai num caldeirãozinho. Eu atravessava um pasto para entrar no caminho que tinha muita vaca, boi zebu.

Um dia, ao atravessar o pasto, vi um zebu voltando, batendo as patas e veio correndo na minha direção. Voltei correndo para sair

por baixo do arame farpado, donde me desmaiei e fiquei lá. Senti o bafo do touro nas minhas costas. Perdi o caldeirão que levava comida ao meu pai, e o café. Eu estava sozinha, desmaiei de susto! Não tinha ninguém por perto. Quando voltei em mim, voltei para casa. A Mavília ficou triste. Depois o papai mandou um homem: "por que não tinha mandado o almoço?" E contei o que tinha acontecido. Não passei mais pelo pasto, mas tinha que dar uma volta grande até chegar no serviço onde meu pai trabalhava.

Ficamos uns quatro meses na fazenda. Ali resolveu vir para Araraquara, donde a Mavília estava grávida da minha irmã Iolanda.

Fomos morar na Vila Xavier. A casa era de tijolo, sem forro. Dormia na cozinha que era grande. Um quarto de papai, privada de fossa no quintal donde morava mais de quatro famílias. Ali me empreguei numa alemã para limpar a casa (com doze anos, hein!), a casa e a cozinha. Ganhava dez mil réis por mês...dez mil réis por mês! E quando recebi, comprei um par de sapato por dez mil réis!

Vimos de Santa Veridiana, chegamos aqui, eu tinha rapado a cabeça devido um cobreiro que peguei: era de sapo, devido ter pego um pano que estava estendido na grama, eu peguei, amarrei à cabeça. Tinha cabelos compridos, preto, todos ondulados. Mas quando foi à noite, senti queimar a cabeça, arder, latejava. No

segundo dia formou uma casca, metade da cabeça, até o pescoço e formou pus. Pensava de enlouquecer. Isso aconteceu antes de nós sairmos de Santa Veridiana. Indicaram a meu pai um caboclo curandeiro na fazenda, curava cobreiro. Meu pai me levou e logo que o caboclo viu disse: "É cobreiro de sapo", e que eu fui em tempo porque senão eu ia ficar louca de tanta dor. Me deu uma água, uma erva para lavar a cabeça e uma pomada. E a minha querida Mavília, minha querida madrasta precisou cortar os meus cabelos. Quanto que chorei! Porque apertava com as mãos a cabeça e se formou uma casca dura até o pescoço (eu sei o que sofri!). Fui me tratando com aqueles remédios do caboclo e foi caindo a casca, foi melhorando, levou uns três meses. Eu andava com um lenço amarrado na cabeça que tinha vergonha. Chegamos aqui em Araraquara, todos com cara de doente e triste. Aos poucos papai começou a trabalhar e fomos endireitando a nossa vida.

Em 1921, nós morava aqui na Rua Sete. Aí nasceu a primeira filha da minha madrasta. Eu queria ter meu dinheirinho. Aí foi quando comecei a lavar roupa pra fora: cobertor, tudo. Um mil réis a dúzia...um mil réis a dúzia! Já tava cansada, com treze anos. Aí passei a me comunicar com essa amiga, Ercília, pelo quintal. Ela disse: "Amélia, você quer trabalhar? Vamos palitar cadeira, assento

de cadeira?" Então fazíamos assento, dois, três por dia para ganhar alguma coisa.

Chegou um dia, ela falou assim: "Cansou!" Aí disse: "Vamos procurar outra coisa?" Aí eu procurei, aqui na Rua Cinco, a fábrica de alfinetes. Nós fomos lá, as duas e trabalhava o dia inteiro. Fazia alfinete por quilo! Até que cansamos: "Amélia, então vamos dar outro jeito." Eu sempre com ela.

Entre 1921 e 22 fomos na fábrica de Palamone que era lá embaixo, que é onde é a Caixa Econômica agora, depois do jardim e tinha a fábrica de biscoito, de bala, de bolacha, tudo. Me empreguei eu com ela lá. Então eles faziam a bolacha champagne, com saquinho e a bolacha maizena e embrulhávamos balas a quilo. Nós íamos embrulhando e ganhando nosso dinheirinho.

Vai que nesse meio, apareceu esse negócio do Lupo. Veja quanto que nós trabalhamos! De 1921 a 24 passamos todas essas fábricas para poder ganhar alguma coisa. Até meu pai, às vezes, ficava bravo. "Quero ganhar, quero trabalhar!" Queria vestir minhas irmãzinhas e queria meu dinheiro.

Aí fomos na meia Lupo. Foi quando estorou isso aí, que é a fábrica de meia Lupo. Simples meia Lupo, começou com oito máquinas usadas, trazidas de São Paulo. Uma senhora que agora não

me lembro o nome...Matilde, parece que ela se chamava, que veio ensinar a por a agulha. Ela ganhou 50 mil réis só para instruir, aquele tempo!

Lá no fundo tinha uma casinha e tinha duas máquinas de espula onde eu batia as meadas no pau, puxava o fio, passava na espula que punha a meada na roda, aí enrolava. Depois que enrolava passava pra minha amiga Ercília, na frente, e ela passava o fio pela parafina pra ficar liso pra ir fazer a meia, senão arrebetava. Aí foi quando a fábrica da meia Lupo começou subir. Esse seu Henrique Lupo comprou essas máquinas usadas! Fazia aquelas meias inteiras! A se reduzir a uma meia Lupo como hoje! É de respeitar!

Aí eu conheci toda a família Lupo, do seu Henrique: tinha o Rômulo Lupo, o Rolando, o Elvio, o Wilton, o Aldo. Cinco homens. Depois tinha a Renata, que morreu também, a Edna, Henriqueta e a Lurdes. Conheci tudo do primeiro ao último. E a dona, a patroa, tinha tanta pena de nós. Ela vinha de noite trazer o cafezinho pra nós e o filho não gostava, o segundo. Mas o seu Henrique era uma pessoa boníssima! Aquela cara sempre alegre. Andava no linho! Aonde ele encontrava os empregados pra ele era tanta coisa!

Foi aí que nós continuamos, eu com a Ercília e eu fui mais um pouco porque o meu pai me tirou. Nasceu o segundo filho da minha madrasta, em 1924. E ele disse: "Você precisa ficar em casa pra ajudar tomar contas das crianças" Ah! Chorei! Aí o filho dele, o Rolando, que já morreu, ele foi e disse: "Oh, Arthur, mas ela tá interessada. Agora também nós precisamos dela porque agora estamos começando a fábrica! Não pode parar até ensinar a outra! Então meu pai disse: "Ensina a outra, depois ela sai."

Quando chegou o último dia, eu saí da fábrica, e fiquei em casa, de ponta a ponta. Aí eu não fui mais trabalhar. Resultado: as crianças de minha madrasta começaram a crescer e eu precisava ajudar ela. Mas nunca parei de trabalhar. Gostei sempre de fazer minhas coisinhas. Fazer isso, fazer aquilo. Fazer um bordadinho a mão. Aprendi, da minha vontade, a costurar roupinha de criança.

Então tinha lá em embaixo aonde ainda existe a Casa Uirapuru, lá no fundo tinha uma fábrica de couros pra fazer sapatão e tinha o córrego de água que passava. Hoje tá tudo bonito por lá. O dono era alemão. Tinha uma casa maravilhosa e tinha três filhas e dois filhos. Muito ricos eles. Corria até no córrego sobras de couro. Hoje não tem mais nada disso. Os filhos dele eram loucos por música.

Então, a mulher dele saía lá do sobradinho lá em cima, ela me fazia assim: "Vem cá!" Que tinha eu? Quinze anos? Eu ia lá. Ela disse: "Olha, cê vai fazer essa roupinha pra esta, esta e esta. Vestidinho, eu gostava de costurar! Olha que vontade de costurar! Então eu trazia em casa, cortava os moldinhos, fazia e levava pra ela já prontinho. E umas camisinhas pros meninos. Se eu digo pra você que esse menino e essa menina são os maiores violinistas do mundo! Essa honra eu tenho! Quando eles cresceram, ficaram moços, foram nos Estados Unidos, na Alemanha, fizeram sucesso! De Araraquara! E a mãe dizia assim: "Olha, quem diria que você vestiu aquelas meninas tão bonitinhas, e hoje são um sucesso!" Esse orgulho eu tenho!

Então era coisinha que eu procurava fazer pra mim viver e porque eu gostava. Aí começou crescer a família, mas eu não deixava de fazer as minhas coisinhas. E na esquina de casa tinha uma sapataria. O homem com esse couro fazia sapatão. Tinha uma mulher, a mulher falou assim: "Você não sabe de uma costureira que põe elástico, assim, no sapatão?" "Ah! Não sei, vou tentar pra senhora". Então eu punha na máquina, quebrou uma porção de agulha porque eu não sabia. Ganhei meu dinheirinho, depois larguei.

Eu era assim. Fazia minhas coisinhas. Nesse tempo fiquei noiva e esse dinheiro me serviu. Comprei palhinha pra fazer minhas coisinhas. Fiz todo meu enxoval sozinha, com dezesseis anos. Meu pai me comprou a máquina. Fui três, quatro dias na Singer, aprendi bordar e pus naquela inteligência e bordei os lençóis, minhas camisolas, tudo sozinha. Meu enxoval fiz tudo sozinha. Aí apareceu meu marido. Conheci e logo casei. Em quanto? Scis, sete meses já fiquei noiva e fui pra casar.

Quando saí de casa meu pai achou falta de mim. Como a minha irmã caçula chorava! Porque não queria que eu fosse embora, porque não sei quê! Então casei com um homem pobre. Minha sogra e meu sogro juntos e minha cunhada solteira e se reunimos com amor e alegria. Minha sogra me adorava, meu sogro me adorava. Me quiseram sempre bem. Depois de dez, onze meses veio o primeiro filho. Minha sogra dizia: "Eu não tenho uma moça. Eu tenho uma menina em casa!" Eu era tão ingênua, mas tão ingênua que podia falar o que quisesse, eu era uma tonta. Não é que nem hoje não. Então eu vivi muito bem com ela. Meu sogro, os dois morreram nos meus braços. Ele queria as filhas, mas pedia minha presença. "Nono?" Eu chamava ele: "Nono, mas quê?" Ele falava em italiano. Foi indo, foi indo...morreu. Ele e ela, a mesma coisa.

E continuo com a minha vida. Minha cunhada era solteira, casou-se com um viúvo. Ajudei a fazer o enxovalzinho. Fiz o que eu pude também. Eu sempre acolhi a família da parte do meu marido. Ela dizia: "A casa da Amélia é a casa do ninho". Eu criei dois sobrinhos quando morreu a irmã do meu marido, uma cunhada que ficou viúva, veio da Itália e ficou comigo. O meu cunhado ficou viúvo com dois filhos e veio morar comigo. Então eu fazia comida pra toda essa gente. Entendeu? E sempre a minha casa era cheia: "Vamos na tia Amélia, vamos na tia Amélia". Então meu coração foi sempre assim.

E depois de um tempo a gente passou apertado. O dinheiro era pouco. A Rosária tava começando a costurar. Eu cheguei a dar pensão pra sete moças. Amontoei num quarto, me pus a dormir no chão com meu marido. Meu marido ficava bravo: "Você vai se sacrificar a esse ponto?" Era estudante, era tudo da escola. Dormiam e eu dei as camas melhor pra elas dormir. Porque eu também ganhava umas coisinhas. Elas gostavam da minha comida, aquela macarronada que eu fazia! Os pais eram fazendeiros. Traziam leitão e eu colocava aqueles tachos de macarronada, assim e comia tudo! Já estão casadas e até hoje elas me escrevem. Outro dia veio uma no

telefonema. Ela é de Ibitinga. Ela vem sempre aqui comprar material. Tá construindo pra casar. Tudo isso eu fiz na minha vida.

Eu falei pra minha sogra: "Eu trabalhei no Lupo, dona Emília". Ela falou: "Em que fábrica você trabalhou?" Ela fala tudo em italiano. E eu entendo italiano. E disse assim: "Eu trabalhei na fábrica de meia Lupo". "De quem, do Henrique?" Ela falou assim: "Madona!", ela falou: "Se você soubesse de uma coisa! O Henrique Lupo com a Judite vieram comigo em migração da Itália. A família Barbieri, o Delguera, o Vengrille. Todos se fizeram ricos. Só meu marido sempre fazendo aquelas coisinhas de sanfona, não arrendou, não teve aquela coisa de poder se fazer na vida como se fizeram os outros. E os Lupo se fizeram". Então, ela disse que a Judite veio pra cá, ela ficou em São Paulo. Depois minha sogra veio morar pra cá e se encontraram: amiga com amiga.

Começaram se lembrar os tempos passados quando vieram de migração. E ela chegou aqui, uma se convidava com a outra. E ela com aquele monte de criança, dona Judite. Dez, ela teve! Ia em casa comer o frango com a polenta que uma fazia. Quando era amanhã a outra se convidava. Isso dá saudade, ela falou: "oh, quem diria! Como é esse mundo!" E hoje eles se fizeram! Mas foi bonito porque foi uma coisa de relembrar a vida dela também. Então meu

marido dizia: "Tá vendo, a senhora é importante, hein! Trabalhou na fábrica de meia Lupo!" Eu era menina, 14 anos, precisava trabalhar. Minha vida foi só de trabalhar e outras coisas que já contei tudo.

Ele era tão simples, mas era uma gente tão boa, seu Henrique e a dona Judite eram dois pedaços de pão! Eu nunca vi coisa igual. Aí depois inventaram fazer esse prédio aí onde tem agora o Magazine e foi onde que o Rolando morreu. Levantou um peso e morreu.

Mais pra baixo, havia uma casinha pequena que fizeram a primeira estação de rádio de Araraquara. Veio um amigo depois e disse: "Seu filho, dona Amélia, toca também sanfoninha? Vamos levar lá pra ser a estréia". Ia ser a estréia pra aquele dia. Eu fiquei com vergonha. Falei: "Não, não". "Não, porque eu levo ele, eu levo ele!" Pus uma roupinha, calcinha curtinha, sapatinho envernizado e ele foi. Qual é minha surpresa com a minha sogra?! Pegamos nosso radinho, chorando de ver ele tocar aquelas rancheiras, aquelas coisinhas. Foi um sucesso! Não tinha telefone aquele tempo, encontravam a gente na rua: "Parabéns, seu filho daquela idade toca assim!" Aí saindo de lá, seu Romanelli levou ele pra escolher os doces que ele queria. Ele veio com uma bandeja de doces. E com o tempo ele tocou também na Rádio, quando moço, quando casado.

Meu marido também tocou. Tinha o conjunto dele. Tocou até quase antes de morrer.

Então, aí a fábrica de meia Lupo, depois dessa Estação, começou a levantar, levantar aquele prédio alto, começou a vir tudo aquelas máquinas. E foi o sucesso. Tanto que a meia Lupo tem sucesso por todo o mundo. Tem mesmo! Uma senhora daqui foi pra Estados Unidos e ela disse assim numa loja: "Eu queria ver um presente pro meu filho e pro meu marido, mas eu quero uma coisa boa". Então ele disse assim: "A senhora mora no Brasil?" Ela disse: "Moro". Então ele disse: "Olha, coisa boa tá aqui. Ele pega, vai na prateleira e tira umas caixas de meia Lupo. Disse: "Está aqui. O melhor presente, coisa fina tá aqui". Essa senhora falou assim: "Eu não falei nada que eu era de Araraquara. Comprei as meias e trouxe. Paguei caríssimo. Mas eu trouxe pro meu filho pra não deixar ele desenhado. Dizer que sou de Araraquara e que a meia eu conhecia". Olha que beleza!

Então tinha sucesso essa meia! E depois das meias foram as roupas de baixo, calcinha, essas coisas. Eu nem sei mais como é que foi. Sei que depois morreram os velhos, aquilo começou se separar.

Uma vez estive lá no Salto Grande. Tem a fotografia com todos os filhos. Começo a lembrar todas essas coisas, não é bonito? Não é bonito relembrar essas coisas?